

3.º BIMESTRE - 2013



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

LP7

GINÁSIO CARIOCA

ESCOLA MUNICIPAL: _____

NOME: _____ TURMA: _____



EDUARDO PAES

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

CLAUDIA COSTIN

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA HELENA DINIZ BOMENY

SUBSECRETARIA DE ENSINO

MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

ELISABETE GOMES BARBOSA ALVES

MARIA DE FÁTIMA CUNHA

COORDENADORIA TÉCNICA

GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR

ORGANIZAÇÃO

FERNANDO AROSA

ELABORAÇÃO

CATHARINA HARRIET MACHADO SOARES BAPTISTA

LEILA CUNHA DE OLIVEIRA

VAGNER LUCIO DE LIMA

REVISÃO

DALVA MARIA MOREIRA PINTO

FÁBIO DA SILVA

MARCELO ALVES COELHO JÚNIOR

DESIGN GRÁFICO

EDIOURO GRÁFICA E EDITORA LTDA.

EDITORAÇÃO E IMPRESSÃO

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Professores Regentes

André Alves Nogueira

Amanda Beatriz Araújo de Oliveira

Bernadete Assunção Filipe

Denise Galdino da Silva Rangel

Elaine Valente Diniz

Elci Abreu Marques

Eliane Cristina Coelho Alves

Eliane de Melo Farias

Elisa Gomes da Cunha

Elizangela Oliveira de Lima

Elizete Knippel do Carmo

Fabiana Bianco Scoralick

Fabiana Neves Alexandre

Flávia Renata Mendes Pinheiro

Georgia Marques da Silva

Jaqueline Garcia Marquez

José Zélio de Castro

Luciléa Lacerda de Assis

Maria Luiza de Azevedo Barroso

Rita de Cássia Garcia



MULTIRO

Vamos iniciar nosso estudo conversando sobre os textos que compõem um jornal. Sabemos que, no jornal, além de notícias e reportagens, existem muitas crônicas. Elas podem dar um tom de humor e ironia a acontecimentos do cotidiano, criticar comportamentos, mexer com a emoção do leitor... Vamos, então, a uma primeira crônica!



www.colelarts.com

Você observou este espaço?

Antes de ler o texto, pense no título... Esse título faz você imaginar algum assunto do texto? Qual?

O justo

Armando Nogueira

O treinador reuniu a turma no vestiário e escalou doze: onze e o goleiro. O capitão do time estranhou, avisando que havia gente demais. O técnico, porém, sustentou a escalação: – Isso é problema do juiz, o teu é jogar e tentar ganhar a partida. E lá se foi o time para o campo.

Cinco minutos de jogo, a torcida começou a gritar, alertando o árbitro: “O Pipira tem doze!”. O árbitro interrompeu a partida, contou os times e deu uma bronca no capitão que, por sua vez, passou a bola ao treinador:

– Fala co’ home ali.

O juiz foi ao técnico e mandou retirar o excedente. Uma confusão tremenda na pista. O técnico chamou o árbitro para uma conversa em particular. Saíram os dois na direção do centro do campo. A torcida, aos berros, descompunha todo o mundo pelo atraso.

Os dois isolados no grande círculo, o técnico pôs a mão no ombro do juiz e entrou nas explicações:

Preste atenção nesta forma de escrita... Você já viu palavras escritas assim? Esse tipo de linguagem é formal ou informal?

Observe a maneira como o técnico chama a atenção para o que vai dizer. O trecho contém alguns vocábulos que marcam o uso da linguagem informal na crônica.

→ – O problema é o seguinte: eu sou um homem de cinquenta anos, estreando na profissão. Eu sou novo aqui na terra. Acontece que, hoje de manhã, o presidente do clube me deu um bocado de nome pra pôr no time. Dois são protegidos do delegado, quatro do comandante do destacamento, o goleiro é filho do gerente do banco, o presidente diz que os dois pontas-de-lança têm que jogar de qualquer maneira. Eu fui escalando, escalando...

– É, mas passou da conta – diz o árbitro, inflexível.

– E eu não sei que passou? Ia ser mais. Por sorte, o sobrinho do prefeito amanheceu com o pé inchado e pediu ao tio para não jogar. Se não, entravam treze.

– Bom, mas para começar o jogo, o senhor tem que tirar logo um... – diz o juiz.

– Eu tirar um? Deus me livre. Tire o senhor. Por mim o time joga com doze. Se o senhor está dificultando, vai lá o senhor e tira um, escolhe lá um. O mais que eu posso fazer é colaborar com o senhor. Por exemplo, não tire nem o cinco nem o seis que dá bolo com o chefe de polícia. E o pior é que agora eu já confundi tudo: não sei mais se o oito é gente do comandante do destacamento ou se é o filho do gerente do banco...

O árbitro encarou o técnico do Pipira, enfiou o apito no bolso e saiu como uma fera:

– Doze contra, comigo, não. Doze contra onze, só se me expulsarem da Liga.

Parou diante do banco dos reservas do Serrinha F.C. e dirigiu-se ao técnico, sentencioso como nunca:

– Carvalho, bota mais um dos teus homens em campo, Carvalho.

Eu tenho horror à injustiça.

NOGUEIRA, Armando. *O mundo é uma bola: crônicas, futebol e humor*. São Paulo: Ática, 2006.



Você sabia?

O futebol é o esporte mais popular do planeta. Só para se ter uma ideia de sua popularidade, existem mais países filiados à FIFA do que associados à ONU (Organização das Nações Unidas).

AQUINO, Rubim Santos. Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.



MULTIRIO

Observe os elementos narrativos presentes na crônica.

Quem?	Os personagens que participam dos acontecimentos.
Onde?	O lugar em que os fatos acontecem.
Quando?	O tempo em que os fatos acontecem.
Conflito gerador?	O fato a partir do qual se desenvolve a história.

Complete o quadro, utilizando os elementos narrativos da crônica *O justo*, de Armando Nogueira.

Elementos da narrativa	Crônica O justo
Fato que gera a história?	
Onde se passa a história?	
Quando a história ocorre?	
Que personagens estão envolvidos na história?	

Estudo do texto

E então? Gostou da história?
Ela terminou como você
esperava?



MULTIMÍDIA

1- Por que o fato que deu início à história causou tanta estranheza?

2- Indique a que se refere a expressão destacada no trecho:

“- **Isso** é problema do juiz, o teu é jogar e tentar ganhar a partida.”

3- Por que o juiz foi ao técnico e exigiu que tirasse o excedente de jogadores?

4- Que times estão em campo?

5- Como a torcida reagiu diante da confusão? Transcreva o trecho que comprova a sua resposta.

6- A linguagem utilizada em um texto pode ser formal ou informal e, às vezes, traz marcas de oralidade. No trecho, “*Fala co’ home ali.*”, por que a frase está escrita dessa forma? Justifique.

DIÁLOGO é uma
conversa entre os
personagens.
Você se lembra do
sinal que vem antes da
fala dos personagens?
É o **travessão**.





7- Vamos, agora, reler um trecho do texto.

“Por exemplo, não tire nem o cinco nem o seis que dá bolo com o chefe de polícia. E o pior é que agora eu já confundi tudo: não sei mais se o oito é gente do comandante do destacamento ou se é o filho do gerente do banco...”

a) A quem está se referindo o personagem quando diz: “o cinco..., o seis..., o oito...”?

b) No trecho em destaque, há uso de dois-pontos (:) “...agora eu já confundi tudo: não sei mais se o oito é gente do comandante do destacamento”. Com que finalidade foi usado esse recurso de pontuação?

8- Como ficou solucionado o problema inicial?

9- No texto, aparecem algumas expressões com sentidos novos, figurados. Qual o significado das expressões em destaque nos trechos abaixo?

a) “O árbitro interrompeu a partida, contou os times e deu uma bronca no capitão que, por sua vez, **passou a bola** ao treinador....”

b) “...não tire nem o cinco nem o seis que **dá bolo** com o chefe de polícia”.

10- Redija um pequeno texto em que as expressões acima tenham significado diferente do apresentado na questão 9.

11- Se você estivesse no lugar do árbitro ou do técnico, que atitude tomaria? Converse com os seus colegas e com seu Professor(a).



MULTÍMÍDIA



Já que o tema é futebol, vamos analisar o cartaz?



Adaptado. <http://www.copa2014.gov.br/>

1- Qual é o título do cartaz?

2- Quando acontecerá a Copa do Mundo?

3- Que elemento gráfico do cartaz faz referência ao futebol?

4- Algumas cidades brasileiras servirão de sede para o evento de futebol. O cartaz anuncia que cidade?

5- Manaus, capital amazonense, receberá quatro jogos da Copa do Mundo da FIFA 2014. O estado do Amazonas possui muitas riquezas naturais. Que elemento gráfico, no cartaz, nos faz lembrar da natureza? Que efeito de sentido esse elemento traz ao cartaz?

6- Qual a finalidade desse cartaz?

Lendo imagens...



www.portinari.org.br



O quadro acima tem, como título, FUTEBOL. É de autoria de Candido Portinari. Portinari é conhecido no mundo inteiro. Sua obra é de grande importância para a cultura brasileira. Ele retratou nosso povo, abordando muitas de suas características e aspectos de sua formação. Observe o quadro atentamente. Em seguida, responda às perguntas da próxima página.

Vamos, agora, ler uma crônica que foi utilizada como apresentação do livro de crônicas ***A casa das palavras***, de autoria de Marina Colasanti.

Um texto a cavalo

Crônica, vamos dizer assim, é um texto a cavalo. Mantém um pé no estribo da literatura. E outro no do jornalismo. Bem estribada desse jeito, tem conseguido vencer belas provas mesmo correndo em pista pesada.

Você sabe o que é pista pesada? É quando a pista de areia – ou seria saibro? – está molhada, tornando mais difícil e cansativa a corrida.

Pois bem, a crônica corre em pista pesada porque lida ao mesmo tempo com as coisas mais ásperas, como economia e política, as mais dramáticas, como guerras, violência e tragédia, e as mais poéticas, como um momento de beleza ou uma reflexão sobre a vida. E o bom cronista é aquele que consegue o melhor equilíbrio entre esses elementos tão diferentes, entrelaçando-os e alternando-os com harmonia.

Pode parecer que o cronista faz biscoitos, ou seja, coisinhas pequenas com algum açúcar por cima. Mas na verdade, a crônica é uma tessitura complexa.

Pois o cronista sabe que não está escrevendo só naquele momento, naquele dia, para aquela rápida publicação no jornal ou revista, mas está falando para um leitor que, na maioria das vezes, voltará a ele, que o acompanhará, somando dentro de si as crônicas lidas e vivendo-as, no seu todo, como uma obra maior.

O leitor tem expectativas em relação ao “seu” cronista. Espera que diga aquilo que ele quer ouvir, e que, ao mesmo tempo, o surpreenda. Mas o cronista desconhece essas expectativas e, ao contrário do publicitário que trabalhava voltado para o perfil do cliente potencial, trabalha às cegas.

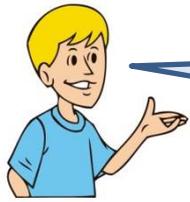
Às cegas em relação ao leitor, bem entendido. Como preencher então as expectativas? Eu, pessoalmente, acho que a melhor maneira é não pensando nelas. O leitor escolhe o cronista porque gosta do seu jeito de pensar e de escrever, e o cronista justifica mais plenamente essa escolha continuando a ser quem ele é.

Eu comecei a fazer crônicas quando muito jovem, logo no início da minha carreira de jornalista. Mudei bastante ao longo do percurso. Antes era movida à emoção, escrevia de um jato, qualquer assunto servia. Hoje sou mais reflexiva, afinei o olhar, preocupo-me muito com a qualidade das ideias. Mas aquela paixão que eu tinha no princípio continua igual. Hoje como ontem, toda vez que me sento para escrever uma crônica é com alegria.

COLASANTI, Marina. *A casa das palavras*. São Paulo: Editora Ática, 2012.

Observe como a autora mostra os temas tratados nas crônicas...

Veja que interessante! A cronista fala da sua relação com o leitor.





Estudo do texto

1- Observe a linguagem do texto **Crônica a cavalo**. Foi utilizada a linguagem formal ou informal?

2- Qual é o tema tratado na crônica?

3- Quando a cronista começou a escrever esse gênero de texto?

4- Releia o trecho do texto: “Pois bem, a crônica corre em pista pesada porque lida ao mesmo tempo com as coisas mais ásperas, como economia e política, as mais dramáticas, como guerras, violência e tragédia, e as mais poéticas, como um momento de beleza ou uma reflexão sobre a vida. E o bom cronista é aquele que consegue o melhor equilíbrio entre esses elementos tão diferentes, entrelaçando-os e alternando-os com harmonia.”

Repare que, nesse trecho do texto, a cronista estabelece comparações entre os sentidos das palavras e aquilo a que se referem. Com base nessas comparações, complete o quadro abaixo.

“coisas mais ásperas”	“coisas mais dramáticas”	“coisas mais poéticas”
<hr/>	<hr/>	<hr/>

5- Releia o 4.º e o 5.º parágrafos.

“Pode parecer que o cronista faz biscoitos, ou seja, coisinhas pequenas com algum açúcar por cima. Mas, na verdade, a crônica é uma **tessitura** complexa.

Pois o cronista sabe que não está escrevendo só naquele momento, naquele dia, para aquela rápida publicação no jornal ou revista, mas está falando para um leitor que, na maioria das vezes, voltará a ele, que o acompanhará, somando dentro de si as crônicas lidas e vivendo-as, no seu todo, como uma obra maior.”

Veja os significados que a palavra tessitura pode ter.

tessitura

tes.si.tu.ra

sf (ital tessitura) **1** *Mús* Disposição das notas musicais para se acomodarem a certa voz ou a certo instrumento. **2** Conjunto das notas mais frequentes numa peça musical, constituindo a extensão média na qual está ela escrita. **3** *Mús* Conjunto dos sons que melhor convêm a uma voz: *Tessitura aguda, tessitura grave*. **4** Contextura, organização.

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>

Na opinião da cronista, a crônica é uma tessitura complexa. Por quê?

6- Sabemos que, quando nos comunicamos, escolhemos as palavras com a intenção de dizer o que pretendemos. Essas escolhas representam uma intenção, vejamos:

“Pode parecer que o cronista faz biscoitos, ou seja, **coisinhas** pequenas com algum açúcar por cima. Mas, na verdade, a crônica é uma tessitura complexa.”

Por que será que a cronista escolheu usar o diminutivo na palavra em destaque?



7- Observe o seguinte trecho do 6.º parágrafo: *O leitor tem expectativas em relação ao “seu” cronista.* Qual o efeito de sentido produzido pelo uso das aspas no termo *seu*?

8- O que há de diferente entre o trabalho do cronista e o do publicitário?

9- Que expectativa tem o leitor em relação ao cronista?

10- Releia o trecho:

“Antes era movida à emoção, escrevia **de um jato**, qualquer assunto servia.”

Que sentido tem a expressão em destaque?

11- Observe o trecho:

“Hoje como ontem, toda vez que me sento para escrever uma crônica é com alegria.”

Hoje como ontem



sento para escrever



com alegria.

Perceba que a ação de escrever está sendo realizada sob certas circunstâncias, em determinadas situações. Essas circunstâncias são marcadas por um tipo de palavra (ou expressão) chamada advérbio. Nesse contexto, numere a segunda coluna de acordo com a ideia expressa pela primeira:

- | | |
|-------------------|-----------------|
| (1) tempo | () hoje |
| (2) modo, maneira | () ontem |
| | () com alegria |

12- Até agora, você leu duas crônicas neste caderno. Diga de que cronista você mais gostou. Justifique sua resposta.

“O menino escritor

Fernando Sabino

Quando eu tinha 10 anos, ao narrar a um amigo uma história que havia lido, inventei para ela um final diferente, que me parecia muito melhor. Resolvi então escrever minhas próprias histórias...”

Achou legal o início da crônica de Fernando Sabino?

Que tal escrever suas próprias histórias em uma crônica? Preencha o quadro a seguir. O momento é de planejar.

Se tiver dificuldades, peça ajuda ao seu Professor ou realize a atividade com um colega.

FATO PRINCIPAL	
Personagens: como eles são? Dê um nome a eles.	
Tempo: quando aconteceu o fato?	
Espaço: onde o fato ocorreu?	
Narrador: 1. ^a ou 3. ^a pessoa?	

Bom trabalho! Quem sabe, assim, nascerá um cronista de primeira!...



Vamos a um texto de Fernando Sabino.

Com o mundo nas mãos

Fernando Sabino

CURIOSIDADE

Fernando Sabino gostava tanto de ler que, certo dia, chegou da escola com um galo na testa. Lia andando pela rua e não viu o poste na calçada.



pt.dreamstime.com

Bernardo tem 5 anos mas já sabe da existência do Japão. E aponta para o céu com o dedo:

– É atrás daquele teto azul que fica o Japão?

Tenho de explicar-lhe que aquilo é o céu, não é teto nenhum.

– Mas então o céu não é o teto do mundo?

– Não: o céu é o céu. O mundo não tem teto. O azul do céu é o próprio ar. O Japão fica é lá embaixo – e aponte para o chão:

– O mundo é redondo feito uma bola. Lá para cima não tem mais nenhum país não, só o céu mesmo, mais nada.

Ele fez uma carinha aborrecida, um gesto de desilusão:

– Então este Brasil é mesmo o fim do mundo. Daqui pra lá não tem mais nada...

Difícil de lhe explicar o que até mesmo a mim parece meio esquisito: o mundo ser redondo, o Japão estar lá embaixo, os japoneses de cabeça pra baixo, como é que não caem? Às vezes, andando na rua e olhando para cima, eu mesmo tenho medo de cair.

Na primeira oportunidade compro e trago para casa um mapa-múndi: um desses globos terrestres modernos, aliás de fabricação japonesa, feitos de matéria plástica e que se enchem de ar, como os balões. O menino não lhe deu muita importância, quando aponte nele o Japão e a Inglaterra, o Brasil, os países todos. Limitou-se a fazê-lo girar doidamente, aos tapas, até que se desprendesse do suporte de metal. Logo se dispôs a sair jogando futebol com ele, não deixei. Consegui convencê-lo a ir destruir outro brinquedo, o secador de cabelo da mãe, por exemplo, que faz um ventinho engraçado – e assim que me vi só, tranquei-me no escritório para apreciar devidamente a minha nova aquisição.

Com o mundo nas mãos, descobri coisas de espantar. Descobri que a Coreia é muito mais lá para cima do que eu imaginava - uma espécie de penduricalho da China - ali mesmo no costado do Japão. O que é que os Estados Unidos tinham de se meter ali, tão longe de casa? O Vietnã nem me fale: uma tripinha de terra ao longo do Laos e do Camboja. Aliás, a confusão de países por ali, eu vou te contar. Tem a Tailândia e tem Burma, dois países de pernas compridas, tem a Malásia, a Indonésia. A Tasmânia não tem. Pelo menos não encontrei. Continua sendo para mim apenas a terra daquele selo enorme que em menino era o melhor da minha coleção. Dou um piparote no mundo e ele gira diante de meus olhos, para que eu descubra o que é que mais que tem. Outra confusão é ali nas Arábias, onde o pau anda comendo: Síria, Líbano, Saudi-Arábia e Iêmen. Estou ficando bom em geografia.

Duvido que alguém me diga onde fica Andorra. A última pessoa a quem perguntei me disse que ficava nos limites de Aznavour. Pois fica é logo aqui, encravada entre a França e a Espanha, um paisinho de nada, vê quem pode. E fez aquele sucesso todo no Festival da Canção. Em compensação a Antártida é muito maior do que eu pensava, ocupa quase todo o Polo Sul. E é bem no centro dela que eu tenho de soprar para encher o mundo.

De repente me vem uma ideia meio paranoide. De tanto apalpar o globo de plástico, ele acabou meio murcho, acho que o ar está se escapando. E quando me disponho a enchê-lo de novo, imagino que eu seja um ser imenso solto no espaço, botando a boca no mundo para enchê-lo com meu sopro.

O nosso planeta é mesmo uma bolinha perdida no cosmo, e do tamanho desta que tenho nas mãos é que os astronautas devem tê-lo visto da lua: uma linda esfera de manchas coloridas, com seus oceanos cheios de peixes e singrados por navios, as cidades agarradas aos continentes, ruas cheias de automóveis, casas cheias de gente, o ar riscado de aviões, de gaivotas, e de urubus... Tudo isso pequenino, insignificante, microscópico, os homens se explorando mutuamente, se maltratando, se assassinando para colher um segundo de satisfação ao longo de séculos de História, não mais que alguns minutos em face da eternidade. Que aventura mais temerária, a de Deus, escolhendo caprichosamente este lindo e insignificante planetinha para lhe enviar através dos espaços o seu Filho feito homem, com a missão de redimir a nossa pobre humanidade.

Faço votos que tenha valido a pena e que um dia ela se veja redimida. Até lá, este mundo não passará mesmo de uma bola, como esta que meu filho Bernardo, irrompendo alegremente no escritório, me arrebatou das mãos e saiu chutando pela casa.

(Adaptado) ANDRADE, Carlos Drummond de [et.al.]. *Para gostar de ler : Crônicas 4*,
São Paulo: Ática 2001.

Sobre a crônica...



pt.dreamstime.com



A crônica é quase sempre um texto de extensão curta, com poucos personagens. Está sempre ligada à vida cotidiana. Usa o fato como meio ou pretexto para o autor exercer seu estilo e criatividade. Diz coisas sérias por meio de uma aparente **conversa fiada**. Às vezes, apresenta brevidade nas ações e no tempo.



1- Em: "... Bernardo tem cinco anos, mas já sabe da existência do Japão." a palavra **mas** liga duas ideias opostas. Quais são elas?

2- Substitua a palavra *mas* no trecho acima, por outra, sem mudar o sentido.

3- Por que o homem comprou o globo terrestre?

4- Quem está narrando a sequência de acontecimentos? Justifique sua resposta com um trecho do texto

5- O menino mostrou interesse pelo globo terrestre que o pai havia comprado? Como ele tratou o novo objeto?



6- O pai afirma: “[...]– e **assim que me vi só**, tranquei-me no escritório para apreciar devidamente a minha nova aquisição.” Qual o sentido da expressão em destaque?

7- Substitua a expressão *assim que* no trecho acima, por outra, sem mudar o sentido.

8- Transcreva um trecho em que o narrador se utiliza da linguagem figurada, conotativa.

9- Observe a expressão “De tanto apalpar o globo de plástico, **ele** acabou meio murcho. O pronome negrito substitui que palavra?

10- “O nosso planeta é mesmo uma bolinha perdida no cosmos, e do tamanho desta que tenho nas mãos é que os astronautas devem tê-lo visto da lua: **uma linda esfera de manchas coloridas, com seus oceanos cheios de peixes e singrados por navios,...**” A expressão destacada no trecho indica a forma pela qual o planeta Terra foi observado, ou seja, visto de longe. O que você observa, no seu dia a dia, no nosso planeta?



Você mora em que continente? Em que país? E sua cidade, fica onde? O mundo é uma bola mesmo... Leia essa letra de canção!

Ora Bolas

Palavra Cantada

Oi, oi, oi...
Olha aquela bola
A bola pula bem no pé
No pé do menino
Quem é esse menino?
Esse menino é meu vizinho...
Onde ele mora?
Mora lá naquela casa...
Onde está a casa?
A casa tá na rua...
Onde está a rua?
Tá dentro da cidade...
Onde está a cidade?
Do lado da floresta...
Onde é a floresta?
A floresta é no Brasil...
Onde está o Brasil?
Tá na América do Sul,
No continente americano,
Cercado de oceano
E das terras mais distantes
De todo o planeta
E como é o planeta?
O planeta é uma bola
Que rebola lá no céu
Oi, oi, oi...
Olha aquela bola...
A bola pula bem no pé
No pé do menino...

1- O título da letra de canção é uma expressão muito comum. Ela caracteriza a linguagem formal ou informal?

2- De acordo com o eu lírico, quem é o menino?

3- O texto segue com uma sequência de perguntas. Perceba que elas são apresentadas numa gradação, ou seja, do menor para o maior, da casa ao planeta. Preencha o quadro com os versos que iniciam a pergunta sobre:

a casa	“Onde está a casa?”
a rua	
a cidade	
a floresta	
o Brasil	
o planeta	



3- Retire do texto 2 exemplos de uso informal da língua.

4- Segundo o eu lírico, como é o planeta?

5- Agora você deverá preencher o quadro abaixo com as informações sobre você. Onde está localizada:

a sua casa?	
a sua cidade?	
o seu estado?	
o seu continente?	
o seu planeta?	

6- Escreva uma lista de melhorias para:

o bairro onde mora	
a cidade onde vive	
nosso planeta	



Você lerá agora mais uma crônica, agora, de autoria de Rubem Braga, um excelente cronista do século XX.

Homem no mar

Rubem Braga

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água.

Ele usa os músculos com uma calma energia; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma bela missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes, não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinquenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses cinquenta ou sessenta metros; isto me parece importante; é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, e que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem.

É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solidário com ele, e espero que ele esteja comigo. Que ele atinja o telhado vermelho, e então eu poderei sair da varanda tranquilo, pensando — "vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu".

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém, nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril. Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.



Organizando ideias....

Observe o quadro abaixo.

ESTRUTURA DA CRÔNICA	
Apresentação	Apresentação da história. Início. Situação inicial.
Complicação ou desenvolvimento	Desenrolar dos acontecimentos, ações dos personagens, conflito entre os personagens.
Clímax	Parte emocionante da história. Momento de maior tensão.
Desfecho	Conclusão. Final da história.

Trabalhando o texto...

1- Que fato dá origem à sequência dos acontecimentos da crônica?

2- “De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol.” Observe que o narrador se apresenta na primeira pessoa, mas não é o centro da narrativa.

Qual seria sua função na crônica?



3- A crônica **O homem no mar** é um texto cuja percepção visual é bastante explorada. Transcreva do texto um trecho que comprove a afirmação.

4- No trecho do texto “... **sinto-me solidário** com ele”, qual o sentido da expressão destacada?

5- Que ideia estabelece a expressão destacada no trecho “... mas dou meu **silencioso apoio**, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, ...” ?

6- Que significado tem a expressão “...ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém, nem construindo algo de útil; **mas certamente fazia uma coisa bela...**”?



MULTÍMÍDIA



Agora, vamos conhecer uma letra de canção de um dos grandes compositores de nossa música: Dorival Caymmi.

O bem do mar

O pescador tem dois amor
 Um bem na terra, um bem no mar
 O bem de terra é aquela que fica
 Na beira da praia quando a gente sai
 O bem de terra é aquela que chora
 Mas faz que não chora quando a gente sai
 O bem do mar é o mar, é o mar
 Que carrega com a gente
 Pra gente pescar

<http://letras.mus.br/dorival-caymmi/688628/>

1- De acordo com o eu lírico, “o pescador tem dois amor”. Que amores são esses?

2- O verso “o pescador tem dois amor” revela o uso da linguagem formal ou informal? Justifique.

3- A palavra **bem** assume, na letra da canção, um sentido que não é o contrário de mal. Que sentido é esse?

4- Pode-se dizer que o “bem de terra” é uma mulher. Que palavra comprova essa afirmação?

5- Nos versos: “O bem de terra é aquela que chora / Mas faz que não chora quando a gente sai” há uma informação de que a mulher chora. Por que ela chora quando o pescador sai?

6- O mar aqui aparece personificado, ou seja, como se fosse pessoa. A isso damos o nome de personificação (ou prosopopeia). Retire do texto um verso que comprove essa ideia.



7- Após a leitura, pode-se perceber que o eu lírico é o pescador. Que expressão do texto comprova isso?

8- Quem é o bem do mar?

9- Observe :

“Um bem na terra, um bem no mar
O bem de terra é aquela que fica...”

Vamos pensar sobre o valor das expressões em destaque. Um bem na terra é a mesma coisa que um bem de terra?

a) Qual das duas expressões indica lugar?

b) A palavra origem pode significar procedência, fonte, proveniência, de onde vem algo ou alguém. No trecho em destaque, qual das duas expressões sublinhadas indica origem?

10- Quando escolhemos uma palavra ou expressão, temos uma intenção comunicativa, ou seja, queremos comunicar algo; o uso de uma palavra ou expressão provoca um sentido (significação) no contexto em que está. Explique o efeito de sentido causado com a repetição da palavra mar no trecho “O bem do mar é o mar, é o mar ...”.



MULTIRO

Quem sabe um mergulho para conhecer o humor? Vamos ler uma tirinha!

Vamos refletir...

Tem humor aquele que possui a capacidade de compreender, apreciar ou expressar algo cômico, engraçado ou divertido. O humor surge de várias formas. Por isso, ele pode estar nos detalhes, nas diferentes maneiras de ver as coisas e viver...

O que pode ser considerado cômico? Veja o significado da palavra cômico:

cômico

cô.mi.co

adj (gr komikós) 1 Relativo à comédia. 2 Burlesco, ridículo. 3 Diz-se de quem provoca riso espontâneo ou intencionalmente pela espirituosidade, humor ou atos burlescos. **sm** 1 Ator de comédias. 2 Qualquer ator.

www.michaellis.com.br

Leia a tirinha com atenção. Observe os detalhes.

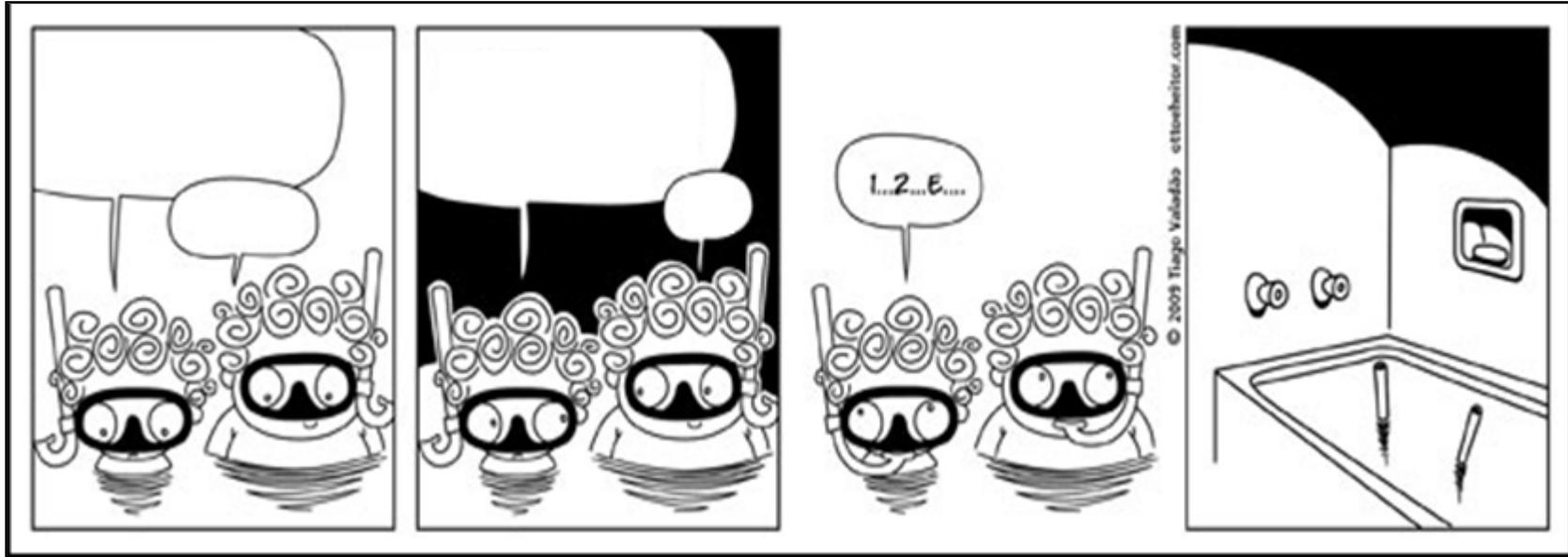


<http://www.ottoeheitor.com/t24.html>

Veja que há, logo no primeiro quadrinho, um elemento verbal que provoca riso.

1- Que elemento verbal nos primeiro e segundo quadrinhos causa estranheza?

2- Reescreva os balões em branco com as palavras em sua forma “correta”:



Percebeu que a graça estava no fato de os meninos falarem com o som das palavras alterado? Vamos adiante em nossa observação. Agora, leia e responda:

a) Para mergulhar, os meninos usaram equipamentos especiais... Por isso, onde esperávamos que fossem mergulhar?

3- Que elemento não verbal causa humor no último quadrinho?



Você gosta de histórias engraçadas? Então... aproveite!

A cadeira do dentista

Carlos Eduardo Novaes

Fazia dois anos que não me sentava numa cadeira de dentista. Não que meus dentes estivessem por todo esse tempo sem reclamar um tratamento. Cheguei a marcar várias consultas, mas começava a suar frio folheando velhas revistas na antessala e me escafedia antes de ser atendido. Na única ocasião em que botei o pé no gabinete do odontólogo – tem uns seis meses –, quando ele me informou o preço do serviço, a dor transferiu-se do dente para o bolso.

– Não quero uma dentadura em ouro com incrustações em rubis e esmeraldas – esclareci – só preciso tratar o canal.

– É esse o preço de um tratamento de canal!

– Tem certeza? O senhor não estará confundindo o meu canal com o do Panamá?

Adiei o tratamento. Tenho pavor de dentista. O mundo avançou nos últimos 30 anos, mas a Odontologia permanece uma atividade medieval. Para mim não faz diferença um "pau-de-arara" ou uma cadeira de dentista: é tudo instrumento de tortura.

Desta vez, porém, não tive como escapar. Os dentes do lado esquerdo já tinham se transformado em meros figurantes dentro da boca. Ao estourar o pré-molar do lado direito, fiquei restrito à linha de frente para mastigar maminhas e picanhas. Experiência que poderia ter dado certo, caso tivesse algum jeito para esquilo.

A enfermeira convocou-me na sala de espera. Acompanhei-a, após o sinal-da-cruz, e entramos os dois no gabinete do dentista, que, como personagem principal, só aparece depois do circo armado.

– Sente-se – disse ela, apontando para a cadeira.

– Sente-se a senhora – respondi com educada reverência – ainda sou do tempo em que os cavalheiros ofereciam seus lugares às damas.

Minhas pernas tremiam. Ela tornou a apontar para a cadeira.

– O senhor é o paciente!

– Eu?? A senhora não quer aproveitar? Fazer uma obturaçãozinha, limpeza de tártaro? Fique à vontade.

Sou muito paciente. Posso esperar aqui no banquinho.

O dentista surgiu com aquele ar triunfal de quem jamais teve cárie. Ah! Como adoraria vê-lo sentado na própria cadeira extraíndo um siso incluso! Mal me acomodei e ele já estava curvado sobre a cadeira, empunhando dois miseráveis ferrinhos, louco para entrar em ação. Nem uma palavra de estímulo ou reconforto. Foi logo ordenando:

– Abra a boca.

Tentei, mas a boca não obedeceu aos meus comandos.

– Não vai doer nada!

– Todos dizem a mesma coisa – reagi. Não acredito mais em vocês!

– Abra a boca! – insistiu ele.

Abri a boca. Numa cadeira de dentista sinto-me tão frágil quanto um recruta diante do sargento do batalhão.

Ele enfiou um monte de coisas na minha boca e tocou o dente com um gancho.

– Tá doendo?

– Urgh argh hogli hugli.

Os dentistas são tipos curiosos. Enchem a boca da gente de algodão, plástico, secadores, ferros e depois desandam a fazer perguntas. Não sou daqueles que conseguem responder apenas movendo a cabeça. Para mim, a dor tem nuances, gradações que vão além dos limites de um sim-não.

– A anestesia vai impedir a dor – disse ele, armado com uma seringa.

– E eu vou impedir a anestesia – respondi duro, segurando firme no seu pulso.

Ele fez pressão para alcançar minha pobre gengiva. Permaneci segurando seu pulso. Ele apoiou o joelho no meu baixo ventre. Continuei resistindo, em posição defensiva. Ele subiu em cima de mim. Miserável! Gemi quase sem forças. Ele afastou a mão que agarrava seu pulso e desceu com a seringa. Lembrei-me de Indiana Jones e, num gesto rápido, desviei a cabeça. A agulha penetrou a poltrona. Peguei o esguichador de água e lancei-lhe um jato no rosto. Ele voltou com a seringa.

– Não pense que o senhor vai me anestesiar como anestesia qualquer um – disse, dando-lhe um tapa na mão.

A seringa voou longe e escorregou pelo assoalho. Corremos os dois pra alcançá-la, caímos no chão, embolados, esticando os braços para ver quem pegava a seringa. Tapei-lhe o rosto com meu babador e cheguei antes. A situação se invertera: eu estava por cima.

– Agora sou eu quem dá as ordens – vociferei, rangendo os dentes. – Abra a boca!

– Mas... não há nada de errado com meus dentes.

– A mim você não engana. Todo mundo tem problemas dentários. Por que só você iria ficar de fora? Vamos, abra essa boca!

– Não, não, não. Por favor – implorou. Morro de medo de anestesia.

Era o que eu suspeitava. É fácil ser corajoso com a boca dos outros. Quero ver continuar dentista é na hora de abrir a própria boca. Levantei-me, joguei a seringa para o lado e disse-lhe, cheio de desprezo:

– Você não passa de um paciente!

NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista e outras crônicas*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2002.



Gostou da história? Então... prepare-se! Vem aí mais um divertimento!!!!!!!!!!



1- Que fato dá origem à sequência de ações da história?

2- A crônica *A cadeira do dentista* é um texto curto e os fatos se sucedem rapidamente. Transcreva do texto uma sequência de ações.

3- O texto apresenta um sentimento comum a muitas pessoas em relação à ida ao dentista. Que sentimento seria esse?

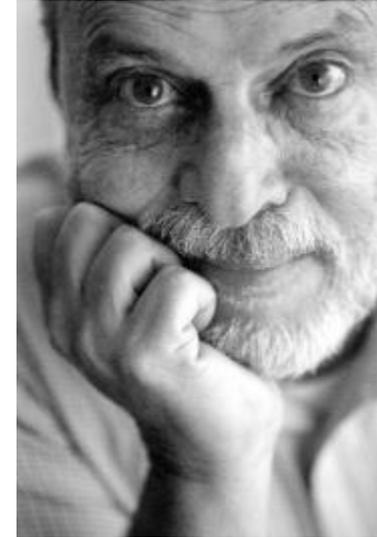
4- Quantos personagens aparecem no texto? Quem são eles?

5- O texto provoca humor ou procura fazer uma reflexão sobre a ida ao dentista?

6- “– Eu?? A senhora não quer aproveitar? Fazer uma obturaçãozinha, limpeza de tártaro?” Qual seria o motivo que leva o paciente a estar aparentemente tão gentil com a enfermeira?

7- Que efeito de sentido tem a expressão “a dor transferiu-se do dente para o bolso”?

skoob.com.br



Com uma linguagem coloquial, clara e objetiva, Carlos Eduardo Novaes escreve crônicas a respeito de temas simples e corriqueiros, mas com muito humor, tornando suas crônicas muito divertidas.



Veja mais uma crônica de humor! Clique no endereço

http://www.educopedia.com.br/Cadastros/Atividade/Visualizar.aspx?pgn_id=113200&tipo=2&pgant=v



8- Que efeito de sentido tem a expressão “Urgh argh hogli hugli.”?

9- Que passagem expressa a ironia no final da crônica?

10- Substitua as expressões em negrito por outras mais formais.

Palavras ou expressões destacadas dos textos.	Sentido das expressões ou palavras do texto.
“Na única ocasião em que botei o pé no gabinete do odontólogo...”	
“...só aparece depois do circo armado. ”	
“Por que só você iria ficar de fora? ”	



MULTIRIO



Pare tudo!!! Antes de ler o texto, observe sua forma, do início ao fim. Por que será que ele está escrito assim?

Minha nova namorada

Fernando Sabino

Tenho a informar que arquivarei, a partir de hoje, espero que para todo o sempre, esta máquina de escrever na qual venho juntando palavras como Deus é servido, desde que me entendo por gente.

Não a mesma, evidentemente. Ao longo de todos estes anos, da velha Remington Rand no escritório de meu pai, passei pela Underwood, a Olympia, a Hermes Baby, a Hermes 3.000, a Smith Corona, a Olivetti, a IBM de bolinha, algumas de mesa, outras portáteis ou semipotáteis. Todas mecânicas, com exceção desta última, que é elétrica.

Pois agora aqui estou, pronto a me passar para algo mais sério, iniciar uma nova aventura amorosa. Sim, porque segundo me ensinou minha filha, que entende de ambos os assuntos, os computadores e as mulheres têm uma lógica que lhes é própria e que devemos respeitar. [...]

Assim como para o homem tudo se ilumina na presença da mulher amada, para o escritor este invento é uma forma igualmente luminosa de realizar a sua paixão pela palavra escrita. Não é uma simples máquina de escrever, que funciona como intermediária entre o escritor e a escrita, às vezes se tornando um obstáculo para a criação literária. Ao contrário, o computador estabelece uma surpreendente intimidade com o texto no momento mesmo de sua elaboração. Permite emendas, acréscimos, supressões, transposições de frases e parágrafos com uma velocidade milagrosa. Deve ter alguém lá dentro comandando tudo, provavelmente uma mulher, uma japonesinha, na certa. Ela dá instruções, chama nossa atenção se esquecemos de ligar a impressora, conversa com a gente: "Operação incorreta. Tente de novo". E quando dá certo: "Operação executada com êxito". Só falta acrescentar: "Meus parabéns. Eu te amo!"



Escrever, que durante tantos anos constituiu um tormento para mim, passará a ser um caso de amor. Nunca mais olharei sequer para a máquina de escrever. [...]

Imagino só a felicidade de Tolstoi, se pudesse ter escrito todo o **Guerra e Paz** com a mesma facilidade com que passei a escrever esta crônica no computador.

Pois então lá vai:

O melhor de um computador está nisso: poder

torocar uma palavra a vo tade, mudar de ideia sem mudar o papel

Sem usar o papel. Uma das vantagens do

computador é poder corrigir tuDO o fimmm. Não precisa de-
caneta

Máquina de escrever e canheta já eram. Num com puta dor o
sonho de um escritor se realiza: o da perfeição absoluta de uma
semntença, graças à facilidade em, mudar palavras, cortar, acrescen
tar. O sonho do escritor e de toda a humanidade

O SONHO DA HUMANIDADE DE ATINGIR A PERFEIÇÃO
atingir a perfeição

A perfeição que a humanidade sonha em atingir Sonha atingir

Que o homem sonha alcançar conseguir realizar

Muita gentye fica admirada ao percebner a facilidade com que

Muita gente se admira com a facilidade

Muitos leitores se admirão com a aparente facilidade com que
escreverei fraes quae perfeitas escrevo sentenças textos quase per-
feitos depois que abandonei troquei a máquina de escrever esta sim
uma engenhoca de tração animal por esta fabulosa invenção

esta prodigiosa admirável estupenda assombrosa espanto-
sa m,iraculosa, extraordinária maravilhosa até pa-

rece que os sinônimos fabulosa ocorrem com mais faci-
lidade sem precisar consultar dicionários d sinônimos,

Desde que é mais fácil revisar e editar um texto computado? Compu-
torizado computadorizado do que escrito a MÁQUINA OU A MÃO.



torna muito
extremamente difícil impossível parar de revisar e
editar suficiente para resultar çuma frase
legível
quanto mais uma crônica sobre a nova namorada POIS Stã pois
então vai assim meso!!!# @ @ @ ***boa x.sorte procês...

SABINO, Fernando. *No Fim dá Certo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998. p.106.

1- No trecho “Tenho a informar que arquivarei, a partir de hoje, espero que para **todo o sempre...**”, que sentido tem a expressão em destaque?

2- A que palavra se refere o termo sublinhado em: “Não a mesma, evidentemente”?

3- Observe no 2.º parágrafo uma sequência de palavras escritas com letra inicial maiúscula. Por que estão escritas assim?

4- Retire do 3.º parágrafo o trecho que expressa uma opinião.





MULTIRIO

Vamos, agora, à leitura de trechos de uma crônica de humor escrita no século XIX por Machado de Assis. Perceba a linguagem, o olhar para o cotidiano e a forma como foi escrita.

Regras para uso dos que frequentam *bonds*

OCORREU-ME compor umas certas regras para uso dos que frequentam *bonds*. O desenvolvimento que tem sido entre nós esse meio de locomoção, essencialmente democrático, exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros. Não posso dar aqui mais do que alguns extratos do meu trabalho; basta saber que tem nada menos de setenta artigos. [...]

A palavra ***bonds*** é de origem inglesa e significa bonde.

Você sabe o que significa **Art.**? Significa artigo. O texto de lei se organiza em artigos.

Art. III - Da leitura dos jornais

Cada vez que um passageiro abrir a folha que estiver lendo, terá o cuidado de não roçar as ventas dos vizinhos, nem levar-lhes os chapéus. Também não é bonito encostá-los no passageiro da frente.[...]

A palavra ***também*** tem, aqui, o valor de **e**.

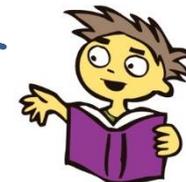
1- Que palavra desse artigo substitui a palavra jornal?

2- No trecho "... terá o cuidado de não roçar as ventas dos vizinhos..." a palavra em destaque significa narina, cada uma das aberturas exteriores do nariz. Que efeito de sentido causou a escolha dessa palavra ao invés de dizer apenas nariz?

1910/1911/1912/1913



O bonde era um meio de transporte utilizado nas cidades.





MULTIRIO

Você sabe o que significa quebra-queixos? Aqui, no texto de Machado de Assis, essa palavra não se refere ao doce de coco e, sim, a charutos ou cigarros. Vamos a mais regras de bom comportamento nos bondes.

Art. IV - Dos quebra-queixos

É permitido o uso dos quebra-queixos em duas circunstâncias: a primeira quando não for ninguém no *bond*, e a segunda ao descer.[...]

3- Afinal de contas, é permitido o uso de charutos ou cigarros no interior do bonde? Justifique sua resposta.

Art. VII - Das conversas

Quando duas pessoas, sentadas a distância, quiserem dizer alguma coisa em voz alta, terão cuidado de não gastar mais de quinze ou vinte palavras, e, em todo caso, sem alusões maliciosas, principalmente se houver senhoras. [...]

4- De acordo com a regra VII, quantas palavras serão permitidas em voz alta?

5- Que outro cuidado terão que ter as pessoas que quiserem falar em voz alta?

6- No trecho "...principalmente se houver senhoras", percebe-se que há referência a um comportamento esperado das pessoas. Que comportamento é esse?





Art. VIII - Das pessoas com morrinha

As pessoas que tiverem morrinha, podem participar dos *bonds* indiretamente: ficando na calçada, e vendo-os passar de um lado para outro. Será melhor que morem em rua por onde eles passem, porque então podem vê-los mesmo da janela.

7- A palavra **morrinha** significa mau-cheiro. Nesse artigo, há uma clara intenção de provocar o humor. O que faz o artigo parecer engraçado com relação às pessoas com mau cheiro?

Art. IX - Da passagem às senhoras

Quando alguma senhora entrar, o passageiro da ponta deve levantar-se e dar passagem, **não só porque** é incômodo para ele ficar sentado, apertando as pernas, **como porque** é uma grande má-criação.

8- Que função têm as expressões em destaque?

Art. X - Do pagamento

Quando o passageiro estiver ao pé de um conhecido, e, ao vir o condutor receber as passagens, notar que o conhecido procura o dinheiro com certa vagareza ou dificuldade, deve imediatamente pagar por ele: é evidente que, se ele quisesse pagar, teria tirado o dinheiro mais depressa.

ASSIS, Machado de, 1839-1908. Obra Completa. Organização de Aluizio Leite Neto et alii. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4. p. 478-480.

10- O que significa a expressão em destaque no trecho “Quando o passageiro estiver ao pé de um conhecido...” ?



MULTIRIO

Você usa transporte coletivo?
Vamos ler uma reportagem sobre transporte urbano no Mato Grosso do Sul.

Lentidão e falta de conforto afastam passageiros do transporte público

Tema foi escolhido pelo internauta na enquete da semana do Bom Dia MS.

Reportagem discute vantagens e desvantagens do sistema de transporte.

Por que as pessoas estão deixando de usar o transporte público? Vantagens e desvantagens dessa opção de transporte foi o tema escolhido pelo internauta na enquete da semana do Bom Dia MS.[...]

Por dia, cerca de 100 mil pessoas utilizam o transporte coletivo em Campo Grande. São quase 600 ônibus circulando pelos bairros e pelo centro da cidade. Para alguns usuários, o sistema tem algumas vantagens. Mas entre motoristas, é difícil encontrar alguém que aceite deixar o carro em casa e andar de ônibus.

Diariamente os ônibus percorrem mais de 100 mil km pelas ruas e avenidas da capital. A média é de 250 mil viagens todos os dias. Para o presidente da associação que representa os usuários, o sistema perde espaço na preferência dos passageiros por conta da falta de agilidade e planejamento.

Na avaliação de especialistas, a estrutura do transporte coletivo em Campo Grande é satisfatória, mas precisa melhorar. Prova disso é que, em menos de uma década, a frota de veículos particulares da capital quase dobrou. Já as linhas de ônibus não cresceram na mesma proporção. De acordo com dados do Instituto Municipal de Planejamento Urbano, em 2003 havia 220 mil veículos particulares. Em 2011, subiu para 420 mil. No mesmo período, as linhas do transporte coletivo passaram de 150 para 174.

A Associação das Empresas de Transporte Público de Campo Grande (Assetur) reconhece que existem problemas, mas também benefícios no sistema. Segundo a entidade, desde junho do ano passado não foi registrado mais nenhum assalto dentro dos ônibus, devido à substituição do dinheiro pelo cartão magnético para o pagamento de passagens.

Com a implantação de estações, o tempo de embarque caiu de 7 minutos para menos de 1 minuto. A integração é apontada como outra vantagem, já que permite o deslocamento do usuário sem ter de pagar duas passagens. Além disso, estudantes contam com gratuidade no transporte coletivo.

1- Quantas pessoas usam o transporte coletivo na capital matogrossense, aproximadamente?

2- Destaque no 3.º parágrafo o trecho que expressa uma opinião.

3- A expressão “no mesmo período” refere-se a que termo já dito anteriormente?

4- Qual é a causa de os usuários do sistema de transporte coletivo de Campo Grande não estarem satisfeitos com o sistema de ônibus?

5- Qual a consequência da implantação de estações no sistema de transporte de Campo Grande?

6- Perceba que o título do texto faz referência a tempo. Que palavra comprova isso?

7- Que outras palavras e expressões são usadas para indicar tempo no texto?

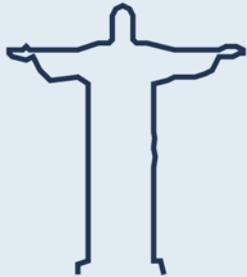


Agora, veja que há outras formas de registrar o cotidiano. Você gosta de fotografia?

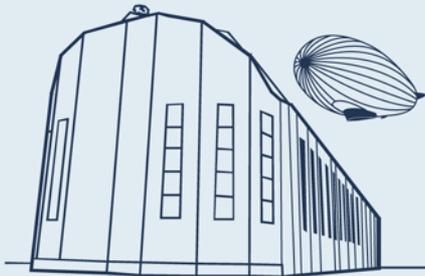
Dicas de estudo



Pão de Açúcar



Cristo Redentor



Hangar do Zeppelin



Maracanã

- Tenha um espaço próprio para estudar.
- O material deve estar em ordem, antes e depois das tarefas.
- Escolha um lugar para guardar o material adequadamente.
- Brinque, dance, jogue, pratique esporte... Movimente-se! Escolha hábitos saudáveis.
- Estabeleça horário para seus estudos.
- Colabore e auxilie seus colegas em suas dúvidas. Você também vai precisar deles.
- Crie o hábito de estudar todos os dias.
- Consulte o dicionário sempre que precisar.
- Participe das atividades propostas por sua escola.
- Esteja presente às aulas. A sequência e a continuidade do estudo são fundamentais para a sua aprendizagem.
- Tire suas dúvidas com o seu Professor ou mesmo com um colega.
- Respeite a si mesmo, a todos, a escola, a natureza... Invista em seu próprio desenvolvimento.

Valorize-se! Você é um estudante da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Ao usar seu uniforme, lembre-se de que existem muitas pessoas, principalmente seus familiares, trabalhando para que você se torne um aluno autônomo, crítico e solidário. Acreditamos em você!